

Diálogos entre os quadrinhos de super-heróis e o movimento feminista estadunidense

**Dialogues between superhero comics and the North American
feminist movement**

*Bruna Amanda Godinho Rocha*¹

¹ Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e Graduada em História pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).
E-mail: brunarochha@gmail.com.

RESUMO

O presente trabalho busca investigar a representação feminina nos quadrinhos norte-americanos de superaventura, em especial, de editoras *mainstream*, como a *Marvel* e a *DC Comics*. Para subsidiar essa pesquisa, lancei mão de estudos a respeito do movimento feminista e seus impactos na sociedade. De modo geral, desde o surgimento dos quadrinhos contemporâneos, têm se debatido sobre aspectos sociais, políticos e culturais no interior deles. Contudo, apenas a partir da década de 60 devido ao crescente interesse acadêmico é que eles passam a ser analisados como manifestação artística, com possibilidades de crítica, manutenção ou ainda subversão dos modelos tradicionalmente fabricados e naturalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo; *comics*; super-heróis

ABSTRACT

This work aims to investigate the female representation in North American superhero comics, especially in mainstream publishers such as Marvel and DC Comics. To subsidize this research, I used studies about the feminist movement and its impacts on society. In general, since the emergence of contemporary comics, social, political, and cultural aspects have been debated within them. However, only from the 1960s, due to the growing academic interest, they began to be analyzed as an artistic expression, with possibilities for criticism, maintenance, or even subversion of traditionally manufactured and naturalized models.

KEYWORDS: Feminism; comics; superheroes.

A inserção feminina a partir dos anos 1960 nos quadrinhos em consonância com o movimento feminista

O século XX foi marcado por manifestações de inúmeros movimentos sociais, com grande ebulição nos Estados Unidos na segunda metade do século, entre eles, o movimento feminista. Em consonância, pautas decorrentes desses movimentos foram apresentadas em variadas produções culturais da época, como é o caso das histórias em quadrinhos (ou simplesmente, HQs). Especificamente, acerca do feminismo, o movimento atravessou o século, sucedendo alterações em suas próprias pautas e ações, que foram – e ainda são – abordadas nos *comics*. Nesse sentido, é possível visualizar certas mudanças que ocorreram no movimento ao analisar determinado produto, como o desenvolvimento de algumas super-heroínas nos quadrinhos da *DC* e da *Marvel Comics* (duas das maiores editoras do ramo), em que o feminismo é apropriado e representado em seus enredos e personagens.

Nas HQs a presença feminina foi ampliada a partir da década de 30, mas foi a partir dos anos 1960 que se tornou mais perceptível seu protagonismo e as mudanças em suas abordagens e desenvolvimentos, fruto de uma discussão mais atual do movimento, que aponta para novas problematizações, não se restringindo apenas a reivindicar presença, mas buscando representações adequadas dentro da cultura pop. Assim, criticando a fórmula pronta que a indústria quadrinesca utilizava até então – em que papéis femininos eram restringidos as donzelas em perigo, meros interesses amorosos ou ainda a ajudantes de outros super-heróis masculinos – mas com nuances, complexidade, destaque e com menos objetificação. Questões que serão examinadas em profundidade nos dois próximos itens.

Feminismos: fases e seguimentos do movimento

Para identificar elementos do movimento feminista apropriados nas HQs, primeiramente, é necessário compreender a complexidade desse movimento. Geralmente, abordado tanto por uma perspectiva histórica, em ondas, devido às conquistas ocorrerem de forma espaçada, como também por tipologias, em função das diferentes pautas que surgiram e dos seguimentos que se formaram. Nesse sentido, Manuel Castells (2008, p. 229) alerta que se pode cair numa análise reducionista ao utilizá-las, já que são contrárias ao que muitas práticas feministas buscam, “[...] uma vez que as mulheres têm reagido, justificadamente, contra a sua eterna classificação e rotulação, ao longo de todos os tempos, como objetos e não como sujeitos”. Contudo, convém considerar essas abordagens para compreender mudanças em suas práticas e pautas ao longo dos anos, bem como distanciamentos e aproximações entre distintos seguimentos. Como Castells (2008, p. 2010) ainda aponta, “O movimento feminista, manifestado na prática e em diferentes discursos, é extremamente variado”, por isso, o estudo também é mais direcionada aos EUA a partir de meados do século XX.

Acerca das ondas feministas, essa divisão foi concebida em 1968 por Martha Lear – num artigo intitulado *The Second Feminist Wave*, na *The New York Times Magazine* – para diferenciar as pautas e objetivos entre o grupo feminista situado na passagem do século XIX para o XX e o formado em meados do século XX.

Nas narrativas do feminismo existe a noção de que essas ideias têm formado várias ondas. Na Primeira Onda (final do século XIX e início do XX), as mulheres reivindicavam direitos políticos, sociais e econômicos; na Segunda Onda (a partir da metade dos anos 1960), elas passaram a exigir direito ao corpo, ao prazer, e lutavam contra o patriarcado. (PEDRO, 2011, p. 271)

A classificação em fases foi assumida e desenvolvida posteriormente por muitos autores e estudos acerca do feminismo. Juciane Gregori (2017) discorre acerca de três fases, com a *primeira onda* se referindo ao movimento sufragista; a *segunda onda* na década de 1960, com a crítica ao papel desenvolvido pela mulher na sociedade e o modelo de família vigente; e a *terceira onda* nos anos 1990, com maior abertura e adesão de várias mulheres, como as negras, lésbicas e trans². Parte da academia já discute a existência de uma *quarta onda*, caracterizada principalmente pela era digital e sua utilização como forma de organização.

Céli Pinto (2010, p. 15) aborda que ao decorrer da história ocidental sempre houve mulheres que resistiram à condição imposta a elas, buscando se organizar de variadas formas e em diversos momentos. Inclusive, alguns deles ficaram marcados por eventos e avanços – acerca da desigualdade de gênero na sociedade – que foram classificados como ondas. Portanto, a luta contra a opressão feminina é antiga, a própria autora destaca que o processo da Inquisição da Igreja Católica foi extremamente repressivo para mulheres que desafiassem ou não se adequassem aos padrões e princípios da sociedade no período.

A luta feminista já dava seus primeiros passos no século XVIII, mas tem como marco oficial o século XIX, em que a lógica capitalista busca ampliar o papel da mulher na sociedade, inserindo-a no mercado de trabalho para aumentar os lucros – já que recebiam salários inferiores aos dos homens. Em decorrência disso, passam a reivindicar direitos trabalhistas e mais tarde políticos, com o movimento sufragista no início do século XX e as primeiras conquistas legais.

² Pessoas que têm uma identidade de gênero que difere do sexo atribuído ao nascer.

Assim, o feminismo, nos seus aspectos basilares, caracteriza-se através de um processo constante de ações coletivas que se referem à emancipação política e conquista de direitos que refletem no empoderamento das mulheres. Além de elaborar continuamente uma crítica e denúncia das injustiças da sociedade patriarcal, é um movimento plural que confronta o sistema de dominação, propondo a transformação social. (GREGORI, 2017, p. 49)

De acordo com isso, a luta feminista nasceu do movimento das mulheres contra a condição de inferiorização e subordinação que estavam submetidas na sociedade e adquiriu caráter de movimento apenas nos últimos séculos, bem como sua defesa e proteção jurídica. Assim como Joana Pedro (2011) aponta, as chamadas ondas não ocorrem de modo igual e simultâneo em todos os países, com muitas das pautas de uma fase permanecendo nas seguintes. Além disso, como já mencionado, geralmente essa classificação é utilizada na historiografia e, ajuda a visualizar algumas bandeiras levantadas em certos períodos e lugares, bem como determinadas mudanças.

Segunda onda feminista

A segunda onda feminista atingiu a sociedade norte-americana de modo geral, refletindo em diversos meios, como nos quadrinhos de super-heróis, em que a presença feminina passou a ser ampliada e abordada de modo diferente de como era feito até então. Nesse sentido, é importante destacar elementos que contribuíram e possibilitaram que essas mudanças ocorressem.

Na divisão em ondas, há um intervalo de 30 anos entre a primeira e a segunda, e conforme Pinto (2010, p. 16), “[...] um livro marcará as mulheres e será fundamental para a nova onda do feminismo: *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado pela primeira vez em 1949”. Dessa forma, a segunda fase

do movimento é influenciada por Beauvoir (1983), em sua obra *O segundo sexo*³. No livro a autora reflete sobre as construções sociais e mostra que ser homem ou ser mulher consiste numa aprendizagem, em conformidade com a socialização que recebem, não necessariamente de acordo com o seu sexo. Uma grande reflexão sobre o corpo feminino, fazendo a distinção entre sexo e gênero, que de acordo com ela, o primeiro termo está relacionado à questão biológica do corpo humano, enquanto o segundo é uma construção social. Ou seja, ser mulher ou homem não é algo natural, mas um papel elaborado pela sociedade, em que cada cultura criou padrões de ação e comportamento para definirem determinado gênero. Além disso, Beauvoir demonstra a trajetória da mulher numa sociedade que superestima o papel do homem, colocando-a num papel de subordinação.

A segunda onda, que irrompeu nos anos 1960, se estende ao longo da década de 70, e segundo Aline Hernandez e Sayak Triana (2019, p. 615) teve “[...] como pautas principais a desigualdade de gênero, a sexualidade das mulheres, a família, os direitos reprodutivos e as condições de trabalho”. Logo, suas principais bandeiras se referiam principalmente aos direitos sexuais e reprodutivos, igualdade formal de direitos e contestação dos papéis e condutas delegadas às mulheres. As autoras ainda destacam que “Foi diferente da 1ª onda, que pautou predominantemente a superação de obstáculos legais: o sufrágio feminino e as questões de propriedade”. (HERNANDEZ; TRIANA, 2019, p. 615)

Ana Martins (2015) discorre que o movimento passa a agregar pautas culturais, relacionadas a padrões sociais que atribuem papéis específicos a mulheres e homens, em variadas esferas, como na política, no trabalho e em relações afetivas.

³ *O segundo sexo* foi publicado originalmente na França em 1949, traduzido para a língua inglesa em 1953 e no Brasil publicado em 1960, em duas edições: a primeira chamada de *Fatos e mitos* e a segunda intitulada *A experiência vivida*.

Nesse momento, em que direitos políticos e civis já estavam em processo de consolidação em diversos países ocidentais, estabeleceram-se os alicerces de uma teoria feminista, destinada a compreender as origens e as causas das desigualdades entre os sexos. Atribuiu-se uma dimensão política ao problema da opressão feminina, sintetizado pelas feministas dos anos 60 pelo slogan “o pessoal é político”. Esse foi um dos emblemas mais importantes do feminismo na segunda metade do século XX, segundo o qual a sexualidade perde seu domínio eminentemente privado e passa a ser compreendida como uma relação de poder entre os sexos. A sexualidade teria, a partir de então, essência política, sendo constitutiva da ordem patriarcal. Logo, se há, a partir de então, um lugar de onde emana a condição unificada das mulheres, esse lugar é o universo da sexualidade e da intimidade, o espaço da vida privada. (MARTINS, 2015, p. 234)

Há, portanto, nesse momento do feminismo, significativo deslocamento do lugar de onde fala o sujeito. Se, na primeira onda do feminismo, se evidenciam, em diversos lugares do mundo, movimentos de mulheres que reivindicam a participação no espaço público e a garantia de condições igualitárias no mundo do trabalho, a segunda onda realociza o sujeito e o situa no espaço privado, de onde estariam a emanar todas as desigualdades. O imaginário de igualdade e da superação das opressões transita, nesse processo, da rua para a casa, da fábrica para o lar. O opressor, do mesmo modo, é personalizado na figura do patriarca – aquele que, no âmbito das relações domésticas e familiares, estaria a inibir por meio da violência física e emocional, a fruição dos direitos e o avanço das conquistas das mulheres. (MARTINS, 2015, p. 234-235)

É também uma fase caracterizada pela revolução sexual, decorrente do surgimento do primeiro anticoncepcional nos anos 60 nos EUA, que promoveu maior domínio da mulher sobre seu corpo – já que agora possuía acesso a um método contraceptivo.

Foi [...] nos primeiros anos da década [de 60] que foi lançada a pílula anticoncepcional, primeiro nos Estados Unidos, e logo depois na Alemanha. A música vivia a revolução dos Beatles e Rolling Stones. Em meio a esta efervescência, Betty Friedan

lança em 1963 o livro que seria uma espécie de “bíblia” do novo feminismo: *A mística feminina*. Durante a década, na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação – além da clássica dominação de classe –, a dominação do homem sobre a mulher – e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias. (PINTO, 2010, p. 16-17)

Betty Friedan, em seu livro denominado *A Mística Feminista* (1963), retoma ideias de Beauvoir, desmistificando o papel da mulher na sociedade da época e destacando a questão do pessoal ser também político, elemento marcante na segunda onda. Segundo Friedan (1971, p. 17), “Cada dona de casa lutava sozinha com ele, enquanto arrumava camas, fazia as compras, [...] comia com os filhos sanduíches [...] e deitava-se ao lado do marido, à noite, temendo fazer a si mesma a silenciosa pergunta: «É só isto?»”.

Essa questão ficou evidente na época e a autora buscou iluminar a insatisfação que muitas mulheres enfrentavam com o isolamento doméstico e a influência que sofriam numa sociedade guiada pelo consumo (como a norte-americana), que prezava por um modelo ideal de mulher e família, inserindo essas e outras pautas que ajudaram a reascender o movimento feminista. Friedan (1971, p. 325) salienta ainda que “Mal foi iniciada a busca da mulher pela própria identidade. Mas está próximo o tempo em que as vozes da mística feminina não poderão abafar a voz íntima que a impele ao seu pleno desabrochar”. Destacando o desejo por outros papéis além da maternidade e do matrimônio, em que a mulher não precisa mais viver somente através do marido e dos filhos.

A segunda onda difere-se da primeira, pois há uma mudança nos ideais de luta: a busca pela igualdade já não é mais a principal bandeira de luta. As mulheres não querem mais ser consideradas iguais aos homens, mas sim reconhecidas como um gênero distinto, que apesar de necessidades diferentes, devem ser detentoras dos mesmos direitos concedidos aos homens. (TONDOLO, 2017, p. 34)

O livro de Friedan desempenhou um papel importante na promoção de uma consciência feminista, influenciando outras mulheres, movimentos e pautas.

O livro [*A Mística Feminista*], rapidamente se tornou um best-seller instantâneo que inspirou toda uma geração na luta pelos direitos das mulheres. Ainda que a matriz dos argumentos de Friedan (1963) estivesse assentada nas preocupações das mulheres brancas de classe média e média-alta, o feminismo da segunda onda rapidamente estabeleceu alianças e coalizões com os protestos contra a guerra do Vietnã e com a luta pelos direitos civis, engrossando as discussões em torno das relações étnico-raciais nos Estados Unidos. No eixo principal das reivindicações, encontrava-se a luta contra o patriarcado e a resistência ao masculinismo, a crítica às discriminações no campo civil e busca pela igualdade de oportunidades (principalmente no campo econômico e no acesso à educação formal). (ALÓS; ANDRETA, 2017, p. 20)

Apesar da importância dessa obra para o movimento do período, a autora também foi criticada por não dar conta de todas as mulheres, mas de apenas um grupo – pertencente à classe média. A condição que ela abordou em seu livro não afetava todas as mulheres do país, desviando a atenção principalmente da classe e da raça.

Figura 1: Manifestação feminista, em 1961, com diversos cartazes contendo algumas ideias e reivindicações da segunda onda do movimento



Fonte: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>

A segunda onda feminista foi orientada principalmente por feministas liberais, das quais Friedan tratava, especialmente por esse seguimento alcançar maior visibilidade através dos meios de comunicação de massa. Como Amy Farrell (2004) destaca, um exemplo é a criação da revista chamada *Ms. Magazine*, em 1972, que buscava um feminismo popular, com ampla circulação. Conforme apontado anteriormente, outros grupos se formaram inspirados e influenciados pela mobilização feminista, como associações destinadas especificamente as mulheres da classe trabalhadora, negras, lésbicas, marxistas, entre outras.

Outras tensões internas no movimento feminista surgem precisamente na sua expansão por toda a gama de classes sociais e grupos étnicos dos Estados Unidos. Enquanto as pioneiras que redescobriram o feminismo nos anos 60 eram, em sua esmagadora maioria, brancas, de classe média e alto nível educacional, nas três décadas seguintes os temas feministas focalizaram as lutas das mulheres afro-americanas, latinas e de outras minorias étnicas em suas respectivas comunidades. Por meio de sindicatos e organizações autônomas, operárias mobilizaram-se em torno de suas exigências, aproveitando-se da legitimidade outorgada às lutas feministas. O resultado foi

uma diversificação cada vez maior do movimento feminista e certa falta de clareza quanto à autodefinição feminista. (CASTELLS, 2008, p. 219)

Figura 2: Grupos feminista, de vertente socialista e marxista, em manifestação, em 1970



Fonte: <https://qgfeminista.org/a-historia-nao-contada-da-segunda-onda-feminista/>

Não foram apenas as obras de Beauvoir e Friedan que se tornaram referência para o feminismo nos EUA e no mundo, Cavalcanti (2005) aponta outras teóricas e ativistas importantes para esse processo, como Kate Millet, Germaine Greer e Gloria Steinem, além de diferentes vertentes que também foram desenvolvidas.

Os debates intelectuais ocorridos oscilavam entre as propostas liberais e as linhas mais ortodoxas do marxismo. Aqui merece referência Shulamith Firestone, feminista marxista que buscou enfatizar em suas pesquisas a condição feminina dentro da perspectiva dialética das relações sociais e econômicas, bem como sua utilidade no sistema capitalista global. (CAVALCANTI, 2005, p. 245)

Pautas extremamente significativas para a luta feminista foram levantadas nessa fase, afetando a cultura dominante e entrando para a agenda política nos Estados Unidos – e também internacional. É nesse contexto, em meio a um movimento em expansão, que é realizada a *Convenção sobre a*

Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (1979), um dos tratados presentes no Direito Internacional dos Direitos Humanos (DIDH)⁴, acerca da questão de gênero.

Para os fins da presente Convenção, a expressão ‘discriminação contra a mulher’ significará toda a distinção, exclusão ou restrição baseada no sexo e que tenha por objeto ou resultado prejudicar ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício pela mulher, independentemente de seu estado civil, com base na igualdade do homem e da mulher, dos direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural e civil ou em qualquer outro campo. (BRASIL, 2002, p. s.p.)

Assim, é possível perceber que o feminismo nesse período se ampliou, com algumas de suas pautas sendo abordadas em convenções, tratados e resoluções acerca dos direitos humanos. Vanessa Cavalcanti (2005, p. 245) salienta que foi uma onda mais “[...] matizada e reconhecida por marchas políticas e pronunciamentos radicais, [...] Feministas foram às ruas – depois de um prolongado hiato – pedindo igualdade no sentido liberal-libertário”.

Mesmo com novos feminismos se formando, ainda havia mulheres que não concordavam com o movimento em si, pois preferiam o papel tradicional – de donas de casa, esposas e mães. Estavam em sintonia com a ideologia dominante transmitida pelo Estado, Igreja, mídia e pela própria família. Entretanto, como salienta Farrell (2004), de modo geral, foi uma fase do movimento com grande expansão e com muita adesão por diferentes grupos femininos. As realizações da segunda onda tiveram longo alcance, as mudanças que beneficiaram as mulheres atingiram profundamente a sociedade.

⁴ Como aponta Viola (2007), o DIDH estabelece práticas dos governos com o objetivo de promover e proteger os direitos humanos, incluindo nele os direitos econômicos, sociais e culturais.

O renascimento do debate feminista e a emergência da chamada segunda onda ocorreram na esteira da revolução sexual, motivada, principalmente, pelo impacto do advento da pílula anticoncepcional, [...] Isso permitiu às mulheres uma autonomia no controle da natalidade – e, conseqüentemente, nas maneiras pelas quais as mulheres administravam os usos políticos de seus corpos – nunca antes imaginada. Esse feminismo renovado [...] teve um diálogo intenso com o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, o movimento hippie e o movimento sindical dos trabalhadores. Isto é, um feminismo que começou a ficar mais atento (e menos ingênuo) às questões de raça, classe e sexualidade. Como resultado de acalorados debates na esfera pública, apareceram, no mercado editorial, livros fundamentais ainda hoje para o pensamento feminista [...]. (ALÓS; ANDRETA, 2017, p. 17-18)

Dessa forma, na década de 60 o movimento feminista ressurgiu com força, dando início a uma nova fase de lutas e reivindicações, mais voltadas para a politização do papel social da mulher e para o combate às estruturas sexistas de poder, com temáticas como o aborto, a violência e a equidade de gênero no campo de trabalho. A segunda onda incluiu mulheres de diversos grupos oprimidos e origens – étnicas e políticas – e não ocorreu apenas nos EUA, mas espalhou-se pelo mundo, influenciando outros movimentos femininos.

A construção de um feminismo que atendesse às necessidades específicas das mulheres negras começou a se consolidar, nos EUA, a partir de reflexões e ações propostas por militantes nos anos 70. Embora desde o século XIX já ecoasse ali a pergunta “Não sou eu uma mulher?”, feita por Sojourner Truth para demonstrar as injustiças cotidianas relacionadas às questões de raça, classe e gênero que se abatiam sobre as mulheres recém-saídas da [...] foi somente nas últimas décadas do século XX que começou a ganhar corpo uma produção teórica sobre o feminismo negro. (ADÃO, 2019, p. 255)

À vista disso, ainda que essa fase tenha abordado pautas variadas, muitas acabaram sendo preteridas, como é o caso da questão racial. Por essa razão e de acordo com Anselmo Alós e Bárbara Andreta (2017, p. 18), “o

advento da virada teórica na academia possibilitou uma reformulação de inúmeras questões marginais que não foram suficientemente discutidas pela – segunda onda –”.

Houve descontinuidades no pensamento das mulheres afro-americanas que, às vezes, tiveram suas vozes ouvidas e em outros momentos foram silenciadas. Nos anos 1960 e 1970, assinalaram a conformação inequívoca do feminismo negro. Naquele período, as mulheres negras criticavam os movimentos feminista e dos direitos civis dos anos 1960 e 1970 por não trabalharem com as temáticas de raça e gênero respectivamente; tal tensão era tão profunda que, às mulheres negras, era colocado um dilema: a militância nas fileiras do movimento negro OU no movimento feminista tal como se fosse impossível pensar raça e gênero em sua articulação como forma de compreensão das opressões. Frustradas com o feminismo e com o movimento pelos direitos civis dos negros, as mulheres negras rompem o silêncio e começam a se organizar e a falar por si próprias – não sem muita resistência de ambas as inserções políticas [...]. (SANTOS, 2018, p. 11)

Figura 3: Grupos feminista negro em manifestação, em 1973



Fonte: <https://qgfeminista.org/a-historia-nao-contada-da-segunda-onda-feminista/>

Portanto, apesar da questão racial aparecer com as feministas negras, ela foi colocada em segundo plano nessa onda. Apenas no final da década de 80 é que terá uma posição mais central no movimento, inaugurando uma nova fase,

que segundo Castells (2008, p. 220) “[...] um movimento feminista bastante espalhado, distinto e multifacetado, ativo e expandindo-se na década de 90, embora com intensidade e características diferentes”. Nesse sentido, é na terceira onda que as próprias feministas passam a questionar o movimento e seus estudos (que eram baseados até então em experiências que representavam principalmente mulheres brancas e de classe média). Em relação aos quadrinhos, é importante ressaltar que as demais ondas também causam alterações em seus enredos e personagens, mas é em consonância com a segunda onda que algumas mudanças começam a ser notadas.

A presença feminina nas produções em quadrinhos de heróis

Acerca da estética nos quadrinhos, as super-heroínas não possuíam em meados do século XX a mesma representação dos heróis masculinos, apesar de estarem num papel similar e ainda hoje é possível encontrar grandes diferenças. Rossi Filho, Origuela e Silva (2015, p. 17) comentam que embora as personagens possuam corpos padronizados, eles também “são esguios e erotizados”. Nesse sentido, Maria Borges (2019, p. 75) salienta que “Poder e inteligência são considerados, normalmente, atributos eróticos masculinos e beleza e juventude, atributos eróticos femininos. As virtudes femininas tradicionalmente não estão ligadas ao espírito ou à inteligência, mas à beleza do corpo”.

A estética do herói atinge a maioria dos personagens que seguem essa linha nos quadrinhos, principalmente os heróis que estão na mídia por muito tempo. Todos os filmes e HQs que vemos representam estes protagonistas com características e aspectos que foram citados pelos desenhistas e especialistas nos livros usados para o estudo desse tópico, mas o que não vemos é a cobrança e as críticas em relação ao corpo estereotipado dos homens como vemos nas mulheres com superpoderes. (NASCIMENTO; ZANVETTOR, 2018, s.p.)

As autoras destacam ainda que a aparência física dos super-heróis não é alvo de críticas, mesmo que apresentem um corpo pouco real, por outro lado, as figuras femininas são reprovadas quanto a sua fisionomia recorrentemente, com a justificativa de não representarem as mulheres de fato. Nascimento e Zanvettor (2018, s.p.) refletem que “Isso acontece por uma série de consequências de uma mídia que objetifica apenas o corpo feminino”. Clariana Sommacal e Priscila Tagliari (2017, p. 254) também completam que constantemente a representação feminina resume “[...] a um objeto, haja vista que o seu destino é o consumo masculino, que idealiza uma mulher perfeita, sem ranhuras ou avarias. Esse fenômeno é denominado objetificação da mulher”. Assim, a estética permeia todos, seja nos *comics* ou fora deles, mas a maior cobrança geralmente é direcionada às mulheres.

Apesar disso, mesmo que por meio de figuras femininas se reforcem estereótipos, houve um movimento de transformações nos quadrinhos que as atingiu, alterou e minimizou esse quadro. Um processo lento, que iniciou em meados do século XX, mas que trouxe mudanças significativas nos enredos e nas personagens, em que alcançaram mais destaque e que gerou discursos sobre suas representações nesse meio.

Nos quadrinhos de super-heróis, observa-se como, ao longo de 70 anos de narrativas repletas de conflitos e jogos de poder, os temas se tornaram cada vez mais complexos, passando da simples dialética do herói contra o vilão para relações de preconceito, ódio racial, disputas políticas e econômicas, entre outras. Até mesmo os códigos que antes regiam a conduta do herói, do qual se esperava o bom exemplo para o cidadão “comum”, hoje são questionados e flexibilizados. (VIEIRA, 2008, p. 4)

À vista disso, essas alterações não ocorreram apenas com personagens femininas. Houve uma revolução editorial a partir da segunda metade do século XX, reflexo do contexto em que essas histórias estavam sendo

desenvolvidas e que recaíram sobre o universo quadrinesco de forma geral.

[...] nos quadrinhos contemporâneos, ocorre um reposicionamento da mulher, de dona de casa ou “mocinha em perigo”, a mulher emancipada. No entanto, mesmo que a mulher se apresente como ser pensante e atuante, capaz de gerar sua própria renda e conduzir sua vida, elas acabam apresentando seus corpos segundo expectativas masculinas. (ROSSI FILHO; ORIGUELA; SILVA, 2015, p. 19)

De modo geral, os movimentos sociais do século XX influenciaram os meios de comunicação e entretenimento, com a denúncia de representações distorcidas de identidades sociais, promovendo um estudo maior acerca do que era produzido pela indústria cultural a partir da década de 60. Como foi o caso do feminismo que reverberou de modo intenso na sociedade nessa época, fazendo com que isso refletisse nos quadrinhos. Nesse sentido, conforme Nascimento e Zanvettor (2018, s.p.), um dos maiores exemplos disso foi as grandes mudanças que a super-heroína Mulher Maravilha sofreu no período devido a críticas realizadas pelo movimento feminista.

No começo das HQs, para as mulheres restavam apenas dois papéis: vítima das maquinações dos vilões, ou desempenhando uma atividade secundária, auxiliando o super-herói masculino. Se a sociedade era masculina, patriarcal, reservando somente ao homem o protagonismo social, político e cultural, restava à mulher somente a subjugação ao domínio masculino, as histórias em quadrinhos refletiam este mesmo modelo. A passividade feminina estava incorporada nas mentes das mulheres nas décadas de 1920 e 1930, quando nasceram as primeiras HQs de super-heróis. Sabemos muito bem que não é por subordinado(a) ou oprimida(o) que tem-se uma visão libertária. (WESCHENFELDER; COLLING, 2011, p. 438-439)

Mesmo com figuras femininas presentes nas HQs de super-heróis desde o começo de sua produção, elas possuíam pouca relevância para as narrativas, apresentavam diversos esteriótipos e também estavam em menor número.

As HQs retratavam a supremacia masculina instalada no social, restando à mulher o papel de submissão aos homens, sempre como mocinhas coadjuvantes ou como auxiliares do super-herói. Quando a sociedade ocidental avançou nas garantias de direitos e cidadania às mulheres, as HQs passaram a representar esta nova mulher, agora com superpoderes. (WESCHENFELDER; COLLING, 2011, p. 451)

Assim, os *comics* repetiam as convenções da sociedade, como reprodutores e divulgadores desses padrões.

De coadjuvantes a protagonistas

No gênero de super-heróis, a *DC Comics* foi uma espécie de precursora ao inserir personagens femininas. Inicialmente, criou a personagem Lois Lane⁵, em 1938, uma jornalista e interesse amoroso do *Superman*, que geralmente acabava sendo salva por ele nas HQs. Em 1940 é concebida a Mulher Gavião⁶, contraparte feminina e coadjuvante de Gavião Negro, com quem tinha um romance e que prestava apoio nas missões, mas que geralmente era defendida por ele. No mesmo ano, em março, a Mulher Gato⁷ aparece pela primeira vez, retratada como vilã do *Batman*, e, mais tarde restabelecida como anti-heroína, além de interesse romântico desse mesmo super-herói. Porém, de acordo com Savio Lima (2016), a primeira grande super-heroína – sem relações com qualquer outro herói do gênero masculino – só surgiu um ano mais tarde, sendo chamada de Mulher Maravilha.

A Mulher-Maravilha foi criada em 1941 por um psicólogo, Dr.

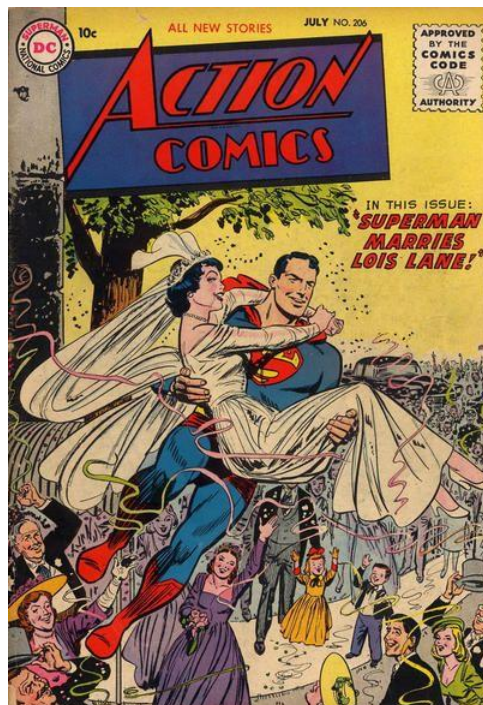
⁵ Criada por Jerry Siegel e Joe Shuster, com a primeira aparição na *Action Comics #1*.

⁶ Criada por Gardner Foz, Sheldon Moldoff, Geoff Johns e James Robinson, com sua primeira aparição na revista em quadrinhos *Flash Comics #1*.

⁷ Criada por Bill Finger e Bob Kane, com sua primeira aparição em *Batman #1*.

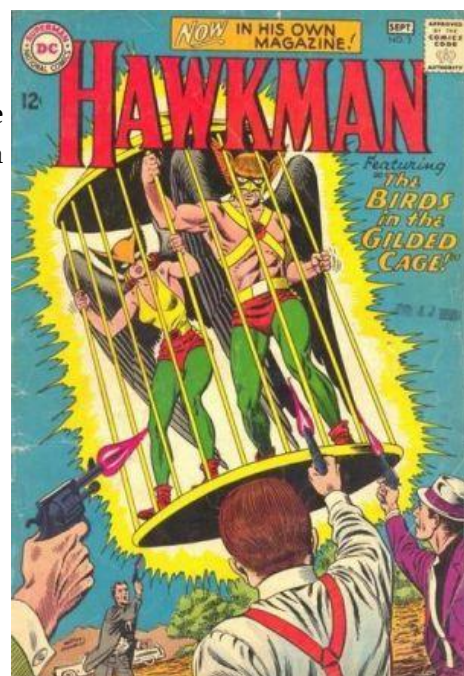
William Moulton Marston, que defendia a igualdade de gêneros e a liberdade sexual. Marston partiu de seus estudos sobre a cultura greco-romana para elaborar a personagem, que nasceu com o objetivo de estabelecer entre crianças e jovens um padrão libertário de feminilidade, enfatizando a coragem como característica essencial - para combater a ideia de que mulheres são inferiores aos homens [...]. (NASCIMENTO; ZANVETTOR, 2018, p. 2)

Figura 4: Casamento de Lois com *Superman*, em 1938



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/829366087608500312/>

Figura 5: Mulher Gavião aparece como ajudante do Gavião Negro em suas revistas, como na capa abaixo em 1964



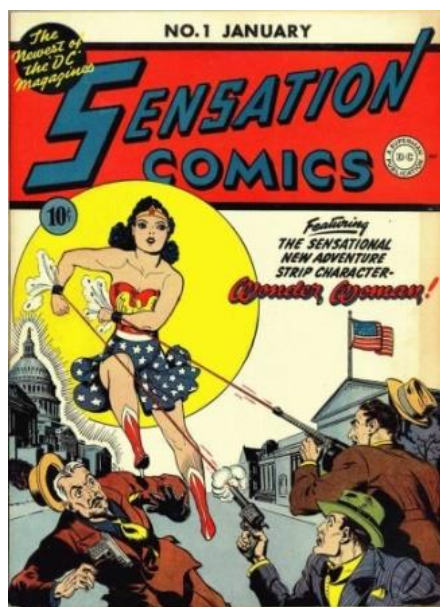
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gavi%C3%A3o_Negro#/media/Ficheiro:Hawkman_v1_3.jpg

Figura 6: Mulher Gato e *Batman* num de seus primeiros confrontos, em 1940



Fonte: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/mulher-gato-faz-80-anos-5-melhores-versoes-da-amante-e-inimiga-de-batman-da-dc-comics/>

Figura 7: Mulher Maravilha em sua primeira aventura, em 1941



Fonte: <https://issuu.com/revistazint/docs/zinted.1/s/4114>

Ao longo de sua jornada, a heroína sofreu diversas mudanças e muitas

das alterações realizadas eram contrárias à sua essência, mas de acordo com o mercado e o contexto em que estava sendo escrita.

A heroína não foi revolucionária em toda sua trajetória; chegou a ser comparada mais com uma dona de casa comportada do que com o Super-Homem. Em outros períodos, assumiu mais diretamente a representatividade de mulher forte, quebrando estereótipos. Suas mudanças ao longo do tempo ocorreram em paralelo a alterações sociopolíticas no mundo e particularmente nos Estados Unidos [...]. (NASCIMENTO; ZANVETTOR, 2018, p. 2)

Segundo Lima (2016), na década de 60, a personagem retorna as suas origens e passa a ser mais influenciada pelo feminismo – inclusive, adotada como um símbolo pelo movimento nesse contexto. Além dessas personagens femininas, Viera (2008) destaca que a DC ainda criou em 1948 a Canário Negro⁸, que inicialmente atuou como vilã e na década de 50 assumiu-se definitivamente como uma vigilante, que combatia o crime durante a noite. Em 1958 surge a *Supergirl*⁹, prima do *Superman* (como sua contraparte feminina), uma alienígena que chega a Terra e se torna uma super-heroína.

Em 1961 há a inserção de *Batgirl*¹⁰ nas histórias de *Batman* e Robin, que auxiliava os heróis em suas aventuras, e como nenhum deles tinha superpoderes, treinavam vários estilos de lutas e contavam com a tecnologia. Já Mera¹¹ é introduzida em 1963, rainha de *Xebel* – um reino do oceano – e casa-se com *Aquaman*, super-herói e rei de Atlântida – outra civilização submarina. No ano seguinte, em 1964, *Zatanna*¹² é criada, uma poderosa mágica e ilusionista

⁸ Criada por Robert Kanigher e Carmine Infantino, com sua primeira aparição na revista *Flash Comics* #86.

⁹ Criada por Otto Binder e Curt Swan, com sua primeira aparição na *HQ Superman* #123.

¹⁰ Criada por Bob Kane e Sheldon Moldoff, com sua primeira aparição em *Batman* #139.

¹¹ Criada por Jack Miller e Nick Cardy, com sua primeira aparição em *Aquaman* #11.

¹² Criada por Gardner Fox e Murphy Anderson, com sua primeira aparição no *comics Hawkman* #4.

que possui diversas habilidades.

Figura 8: Canário Negro na revista *Flash Comics* #86, em 1948



Fonte:

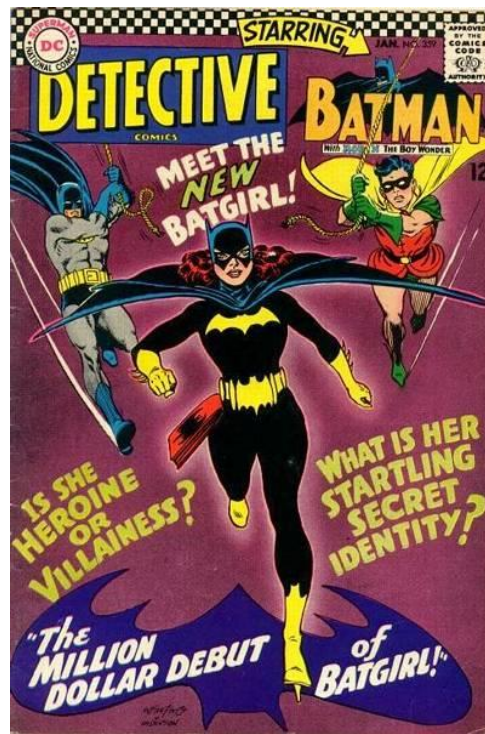
<https://hqrock.com.br/2013/01/23/arrow-teraversion-original-da-canario-negro/>

Figura 9: Supergirl na revista do Superman, em 1959



Fonte: <https://ovicio.com.br/guia-de-leitura-supergirl/>

Figura 10: *Batgirl* em uma de suas primeiras missões com *Batman* e *Robin*, em 1967



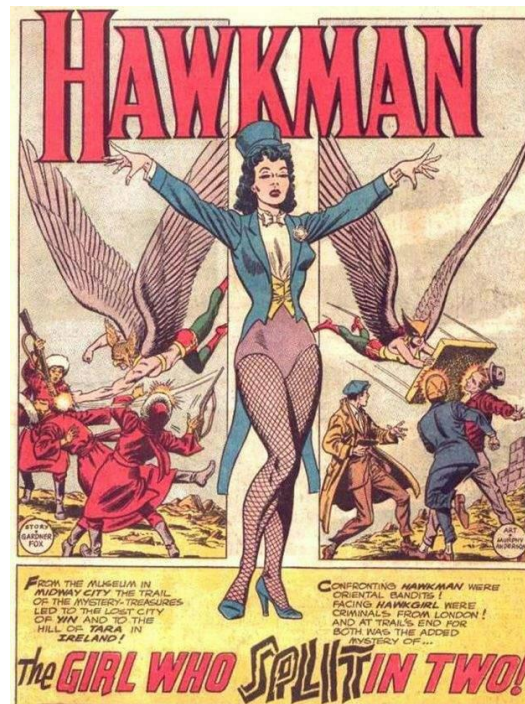
Fonte: https://aminoapps.com/c/comics-portugues/page/blog/10-coisas-que-voce-nao-sabia-sobre-a-batgirl/KJ61_XECMuBYxo2dx1aj7xw7IREBbdqmv6

Figura 11: Mera em sua primeira história, junto a *Aquaman*, em 1963



Fonte: <http://sereismo.com/2017/05/24/mera-aquaman/>

Figura 12: Zatanna em sua primeira aparição, em 1964



Fonte: <https://www.hqzona.com.br/2021/03/29/guia-de-leitura-conheca-a-zatanna/>

De acordo com Erica Barros (2015), A *Marvel Comics* passou a investir em personagens femininas apenas na década de 60, primeiramente com a Mulher Invisível¹³, em 1961. No entanto, a super-heroína geralmente era retratada como a donzela em perigo do grupo, precisando constantemente ser salva, mesmo possuindo grandes poderes.

A primeira super-heroína conhecida da Marvel foi apresentada ao público em 1961, [...] chamada Susan Storm, alter ego da Mulher Invisível, era uma personagem que se esforçava demais e com inclinação a desmaios – [seguida de] Vespa, criada em 1963 por Stan Lee e Jack Kirby. A personagem viria a ser uma das fundadoras e quem deu a ideia do nome da equipe d’Os Vingadores, além de ser parte de uma grande polêmica dentro do universo da Marvel. Na edição 213 de *The Avengers*, lançada em 1981, a Vespa é agredida por seu marido, o Homem Formiga [...] – o que Jim Shooter, editor chefe da época,

¹³ Criada por Stan Lee e Jack Kirby, com sua primeira aparição na HQ *The Fantastic Four Vol. 1 #1*.

escreveu no ano de 2011 no seu site oficial que o ocorrido era para ter sido acidental e o desenhista fez daquilo uma agressão direta. O fato ficou eternizado no universo da Marvel, especialmente na coleção *Ultimate*, que conta a história de personagens já conhecidos mas que tiveram sua origem modificada afim de moderniza-los, onde o Homem Formiga realmente agride sua esposa [...]. Isto é condenado por outros personagens e mostra como a Marvel se atêm a problemas do “mundo real” em suas histórias. (BARROS, 2015, 44-45)

Figura 1 Capa de uma revista do Quarteto Fantástico em que a Mulher Invisível encontra-se em perigo, em 1961



Fonte: <https://quadrinheiros.com/2018/12/03/cinco-consequencias-serias-para-os-herois/>

Figura 14: Capa de uma das HQs do Homem Formiga, em que Vespa era uma personagem recorrente, em 1963



Fonte: <https://h-alt.weebly.com/vespa.html>

Assim, a personagem Vespa foi criada em sequência, enfrentando situações semelhantes à Mulher Invisível. No entanto, a questão mais polêmica foi à agressão física que a mesma sofreu por parte de seu companheiro, bastante reprovada pelos demais heróis que atuavam com eles. Dessa forma, mesmo perpetuando estereótipos fortes da época, a editora buscou dar profundidade às super-heroínas em diversas narrativas, como foi o caso da Vespa e dos *X-men*.

No meio do turbilhão do movimento por direitos civis e da libertação feminina [...] Stan Lee cria os *X-men*, os mutantes que trazem explicitamente, para as páginas das HQs questões como discriminação e gênero [a partir dos anos 70]. A HQs dos *X-men* foi à primeira revista da *Marvel Comics* a apresentar super-heroínas em papéis de grande destaque. Jean Grey era uma das

primeiras personagens femininas a entrar para a Escola para Jovens Super Dotados, o Instituto Xavier, o restante eram todos homens. Mas as *X-women* da década de 1970, como por exemplo, a superheroína Tempestade, refletia a mudança social da época. Eram pensadoras independentes, tinham uma vontade forte e eram rígidas como ferro. (WESCHENFELDER; COLLING, 2011, p. 441)

Figura 15: Primeira revista dos *X-men*, com Jean Grey integrando a equipe inicial, em 1963



Fonte: <https://www.planocritico.com/critica-x-men-primeira-aparicao-uncanny-x-men-1-1963/>

Figura 16: Capa da *Giant-Size X-Men #1* (1975), com a primeira aparição da Tempestade



Fonte: Acervo da autora

A *Marvel* cria mais personagens ao longo dos anos que se tornam bastante conhecidas no meio. Em 1964 surgem Feiticeira Escarlate¹⁴ – uma mutante¹⁵ que inicia como vilã nas HQs dos *X-men* e mais tarde vira uma heroína e migra para as revistas dos Vingadores, outra equipe de super-heróis da editora – e Viúva Negra¹⁶ – que aparece também como antagonista, uma espiã russa que logo se transforma numa anti-heroína. Mesmo atuando ao lado de super-heróis, sua classificação como anti-heroína se dá devido aos meios que recorre para a realização das missões (como o uso excessivo de violência), pois como mencionado anteriormente, esse termo é usado para se referir a figuras que praticam atos moralmente questionáveis, mesmo que movidos por boas intenções.

Figura 17: Feiticeira Escarlate em um de seus primeiros confrontos com os *X-men*, em 1964



Fonte: <https://www.planocritico.com/critica-the-x-men-4-primeira-aparicao-feiticeira-escarlate-e-mercurio/>

¹⁴ Criada por Stan Lee e Jack Kirby, com sua primeira aparição em *Uncanny X-men* #4.

¹⁵ Indivíduos que nascem com habilidades ocultas, da editora *Marvel Comics*, considerados *Homo superiores* (humanos numa nova escala evolucionária).

¹⁶ Criada por Stan Lee, Don Rico e Don Heck, com sua primeira aparição em *Tales of Suspense* #52.

Figura 18: Viúva Negra em sua primeira aparição nos quadrinhos, em 1964



Fonte: <https://www.legiaodosherois.com.br/lista/natasha-romanoff-tudo-sobre-viuva-negra-marvel.html>

Além delas, em 1968, Carol Danvers aparece pela primeira vez numa revista em quadrinhos, concebida inicialmente como interesse amoroso de outro personagem masculino, chamado Mar-Vell (ou Capitão Marvel). Segundo Joana Maltez (2019), Danvers começa como chefe de segurança e piloto de caça feminina da Força Aérea dos EUA – elemento que faz com que a personagem aborde questões trabalhistas que as mulheres enfrentavam na época. Todavia, somente em 1977 torna-se de fato uma super-heroína, devido a sua popularidade e a influência do feminismo, utilizando inicialmente o codinome de *Ms. Marvel* até assumir o manto de *Captain Marvel* em 2012.

Figura 19: Ms. Marvel V.1 - Primeira edição, em 1978



Fonte: Acervo da autora

Portanto, mesmo que sua construção como heroína tenha sido demorada, a personagem buscou suporte no feminismo para se distanciar de uma dependência estritamente masculina e evoluiu consideravelmente ao longo das décadas, com inúmeras alterações.

A lenta mudança do papel feminino nos quadrinhos

Gelson Weschenfelder (2013) reconhece que o papel da maioria das personagens femininas nos quadrinhos, por décadas, eram os de mocinhas em perigo ou coadjuvantes. As HQs – como uma produção cultural – exemplificam bem esse processo, em que as figuras femininas são constantemente inferiorizadas se comparadas às masculinas, além de serem extremamente sexualizadas (por se tratar de um material que tem como maior público os homens), questões que foram sendo amenizadas e por vezes problematizadas a partir da segunda metade do século XX, mas que não desapareceram totalmente.

[...] a partir da década de 1960 que surgiram as primeiras produções de histórias em quadrinhos que problematizavam/ironizavam a quase ausência de perfis femininos empoderadores no interior das histórias em quadrinhos, especialmente em virtude dos esforços da quadrinista e pesquisadora Trina Robbins e outras como Willy Mendes, Cat Yronwode, que, ao estilo *underground*, [...] problematizando entre outras coisas a representação feminina no universo dos quadrinhos. (CUNHA, 2016, p. 16)

Portanto, em meados do século XX ocorre uma transformação na forma como as personagens femininas eram escritas, além da inserção de novas super-heroínas, como fica visível com a Marvel Comics. Carol Danvers é um exemplo disso, já que foi criada inicialmente como apoio para outro personagem masculino. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que adquirem destaque, a cobrança estética sobre elas é intensificada, como ocorre com a Mulher Maravilha – que apesar de ser considerada um ícone dentro do universo quadrinesco e adotada como um símbolo no feminismo mais tarde – foi extremamente sexualizada em muitas histórias, produzidas em boa parte de sua trajetória por escritores masculinos.

[...] o mito da beleza como algo que define padrões estéticos e de comportamento das mulheres, como elas deveriam ser para agradar a indústria comandada por homens. [...] após os grandes acontecimentos feministas da Segunda Onda as mulheres se libertaram da mística feminina da domesticidade e para que o Estado e a sociedade não perdesse o controle completo dessas mulheres o mito da beleza invade esse terreno vazio como forma de controle social. (NASCIMENTO; ZANVETTOR, 2018, s.p.)

À vista disso e de acordo com Yanira Añazco (2018), é possível perceber qual o papel destinado às mulheres no período, tanto na sociedade como na ficção. A autora analisa as relações entre corpo, subjetividade e poder para demonstrar seus vínculos, buscando evidenciar as múltiplas maneiras de

sujeição da mulher na sociedade, que as destaca como uma identidade subalterna.

En las postrimerías del siglo XX, la emergencia del movimiento de liberación sexual marcará un punto de inflexión en la orientación social disciplinadora de la sexualidad [...] femenina. Con todo, es dudoso que, a partir del siglo XX, el cuerpo de las mujeres haya logrado desembarazarse completamente de las fuerzas de control que pretéritamente le han sometido. Es evidente que la aparición de [...] herramientas [...] dotaron a las mujeres de un control inédito sobre sus cuerpos y que influyentes investigaciones contribuyeron a desmitificar la idea de que la sexualidad femenina es la simple contraparte pasiva de la sexualidad masculina. Empero, otros hechos, como el desarrollo de una pujante industria de la pornografía y la eclosión de la figura de la mujer sexualmente liberada, han llevado a cabo una operación regulatoria de normalización de la sujeción sexual femenina, solo que bajo nuevos clivajes. (AÑAZCO, 2018, p. 220)

Dessa forma, Anãzco discorre sobre as formas de sujeição impostas às mulheres e o surgimento da mulher sexualmente liberta que apenas regula novamente sua submissão, mesmo que de outro modo.

En la cultura actual, el cuerpo femenino ha devenido un fetiche; se ha hecho responsable de su exposición a las propias mujeres (que se han “liberado”), y con ello se ha logrado mantener, bajo una renovada apariencia, la visión voyeurista que sostiene la hegemonía de la mirada del varón. (AÑAZCO, 2018, p. 220)

Apesar da influência do feminismo nessa época, nos quadrinhos as personagens – tanto as que já existiam quanto as que foram criadas nesse contexto – enfrentaram o preconceito e vários estereótipos, sendo subestimadas e sexualizadas. Exemplo disso é a Mulher Invisível e seu papel de coadjuvante na equipe que participa, pois mesmo sendo uma das mais figuras poderosas do grupo, geralmente torna-se alvo e precisa ser salva por outro integrante. Outro caso em que é possível ver isso é com a Viúva Negra, representada como *femme*

fatale, ou seja, geralmente seduzindo e enganando outros personagens para obter algo, por meio de atitudes e roupas provocantes. Contudo, são inegáveis os avanços que começaram a surgir em meados do século XX, com maior presença e mudanças em algumas figuras já existentes, mesmo que de forma sutil e lenta. Nesse sentido, algumas personagens ganham novos uniformes, que cobriam mais seus corpos, como veremos no capítulo seguinte com Carol Danvers, enquanto outras alcançaram maior protagonismo, como Jean Grey, que mesmo integrando uma equipe composta majoritariamente por heróis masculinos transformou-se uma das super-heroínas mais fortes da Marvel Comics.

Mudanças ainda mais significativas dentro dessa mídia ocorrem no final do século XX e início do século XXI, com a ampliação do mercado consumidor feminino e devido às novas pautas que surgem dentro do movimento feminista. O público feminino não se limitava mais apenas a cobrar presença e destaque nesse meio, mas reivindicavam principalmente representações diferentes das que eram realizadas até então (repletas de estereótipos), com o consequente desenvolvimento de temas mais relacionados à desigualdade de gênero. Losandro Tedeschi (2019, p. 640) afirma que “Ao discorrer sobre os papéis de gênero, na busca de uma definição identitária, os grupos sociais se atribuem símbolos, discursos, comportamentos, definindo e sendo definidos coletivamente pelos outros, em relação a um nós”, para a autora ainda, a noção de “nós” possui uma denominação que contém um sentido.

A representação também está ligada ao olhar, à visão. De uma forma ou de outra, o papel do olhar masculino na objetificação da mulher, tem sido central à análise feminista. Mary Louise Pratt (1999) na obra “Os olhos do império” desenvolve uma teoria relacionada ao colonialismo, onde coloca que visão e representação, observação e registro, são também inseparáveis estratégias de inscrição utilizada pela ciência e na construção da moderna teorização do social. Segundo a autora, a representação também resulta de um regime de visão. Nessa

perspectiva, visão e representação – em conexão com o poder – se combinam para produzir a alteridade, a identidade e os papéis sociais. (TEDESCHI, 2019, p. 642)

Os meios de comunicação em massa foram desde seu princípio dominados por homens e em decorrência disso, segundo Tedeschi também (2019, p. 642), “É pelo olhar que o homem transforma a mulher em objeto: imobilizada e disponível para o seu consumo”. Como já exposto, a representação não significa a solução para essa questão. Muitas das representações naturalizam estereótipos e generalizações, com o objetivo de manter as relações de poder e desigualdade ao produzir, propagar e legitimar imagens negativas e distorcidas relativas às mulheres. O autor afirma que “Podemos perceber então como o patriarcalismo constrói leituras particulares do mundo, concebendo, para si e para os outros, identidades que atendam a seus interesses” (TEDESCHI, 2019, p. 641).

Como sabemos, há uma estreita ligação entre o processo de produção da identidade e da diferença que caracteriza a representação e a produção cultural e social da identidade. A produção da identidade e da diferença se dá em grande parte, na e por meio da representação. Como representação, o feminino e o masculino estão diretamente envolvidos nesse processo. Ao usarmos a categoria representação nos estudos de gênero podemos destacar os mecanismos de produção dos papéis sexuais, das verdades impostas no cenário social sobre o que é o feminino e o masculino, levando-nos assim a questionar os códigos, as convenções, os artifícios, a arquitetura do como essas representações foram construídas e impostas. (TEDESCHI, 2019, p. 642-643)

Quando se alcança maior presença feminina na mídia, se fala em representação, mas não se traduz de fato em diversidade, questão é mais profunda. Evidentemente a ausência precisa ser questionada, mas a presença por si só não garante representações adequadas e diversas, podendo ser problemática. Nesse sentido, como já discorrido, desde a criação das HQs havia

a presença feminina em seus enredos, porém, na maioria das vezes sem relevância e/ou com a função de manutenção de estereótipos.

[...] neste sentido, a representação do feminino [...] na maioria das vezes, vem pelo olhar da cultura predominantemente masculina, sendo ainda marcado por uma relação de poder em que o homem é tido como mais forte, equilibrado e responsável pela mulher e, por outro lado, muitas vezes, o discurso feminino será considerado como menos importante. É comum, ainda, uma visão estereotipada da mulher, personagens como a loira que é burra, a inteligente feia, ou a mulher frágil e dependente vão aparecer em muitos filmes e muitas cenas, apontando que existe apenas uma representação do gênero feminino, mas não uma representatividade de fato. Percebe-se, neste caso, que há uma ampliação do espaço, mas ainda é preciso avançar na representatividade. (MAGALDI; MACHADO, 2016, p. 253)

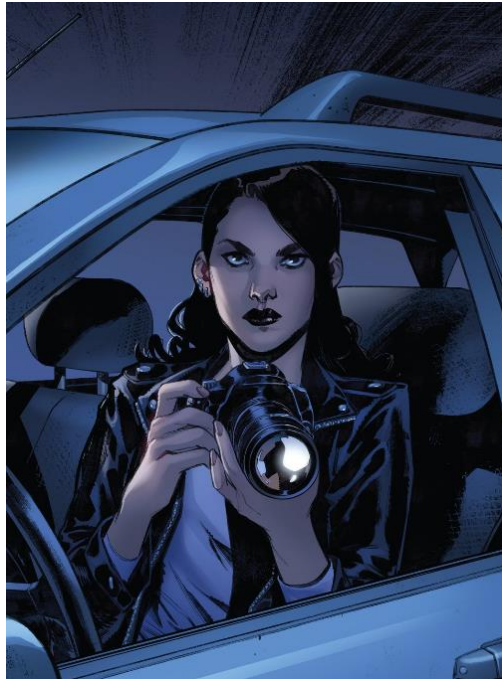
Esse cenário foi sendo lentamente modificado, principalmente nos últimos anos com tais questionamentos ficando em evidência, não apenas nos quadrinhos, mas em produções derivadas deles – como nos *blockbusters*. Em vista disso, as editoras passaram a publicar novos títulos de personagens femininas, mas não se limitaram a isso, abriram também espaço para as mulheres no meio editorial. Conseqüentemente, trouxeram um olhar diferente do que era feito tradicionalmente nesse meio ao assumirem títulos de super-heroínas, criando equipes femininas, desenvolveram novos uniformes para elas – visando a não sexualização das mesmas – e abordaram temas como assédio sexual, violência de gênero e desigualdade salarial.

São exemplos disso a quadrinista norte-americana Sana Amanat, que buscou levar questões de diversidade para a Marvel Comics em suas narrativas, com a heroína Kamala Khan. Além dela, é possível apontar a criação e os enredos da personagem Jessica Jones¹⁷, uma super-heroína aposentada que

¹⁷ Criada por Brian Michael Bendis e Michael Gaydos, com sua primeira aparição na revista *Alias* #1.

começa a trabalhar num escritório de investigação. Sua estreia ocorreu em 2001 e em 2015 conquistou uma série de televisão devido sua popularidade, possuindo um arco bastante conhecido, no qual é abusada e controlada mentalmente pelo vilão *Kilgrave*¹⁸.

Figura 20: Jessica Jones, em 2013, na revista *Spider-Man* #5



Fonte: <https://br.ign.com/quadrinhos/31235/news/jessica-jones-ganha-nova-hq-por-seus-criadores-originais>

Portanto, nos últimos anos é que ocorre uma problematização efetiva sobre as questões femininas nesse meio e se alcança mudanças mais profundas na forma como o feminismo é retratado, acompanhando também as demais ondas feministas e as novas pautas que vão surgindo em meio a esses movimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADÃO, M. C. de O. **Feminismo Negro**. In COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A.

¹⁸ Criado por Stan Lee e Joe Orlando, com sua primeira aparição em *Daredevil* #4 (1964).

(Org.). *Dicionário crítico de gênero*. 2. ed. Dourados, MS: UFGD, 2019. p. 255-259.

CRENSHAW, Kimberlè. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. *Revista de Estudos Feministas*, v. 7, n. 12, p. 171-88, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 out. 2020.

ALÓS, A. P. ANDRETA, B. L. **Crítica literária feminista: revisitando as origens**. *Fragmentum (online)*, p. 15-31, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/26594/pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

AÑAZCO, Y. Z. **Cuerpo, Género y Derecho**. *Revista Ius et Praxis*, ano 24, n. 1, 2018, p.209-254. Disponível em: <https://www.academia.edu/39937884/%20Cuerpo_g%C3%A9nero_y_derecho_ius_et_praxis>. Acesso em: 11 set. 2020.

BARROS, E. P. **Super-heroínas nos quadrinhos: a representação da mulher em Thor**. 109 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social), Pelotas, Universidade Católica de Pelotas – UCPel, 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/25969375/SUPER-HERO%C3%8DNAS_NOS_QUADRINHOS_A_REPRESENTA%C3%87%C3%83O_DA_MULHER_EM_THOR>. Acesso em: 2 jan. 2021.

BEAUVOIR, Simone. de. **O segundo sexo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. 2 v.

BORGES, M. **Beleza e gênero**. In COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (Org.). *Dicionário crítico de gênero*. 2. ed. Dourados, MS: UFGD, 2019. p. 74-79.

BRASIL. **Decreto n. 4.377, de 13 de setembro de 2002**. Promulga a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, de 1979, e revoga o Decreto nº 89.460, de 20 de março de 1984. *Diário Oficial da União*, Brasília, 16 set. 2002.

CARNEIRO, S. **Mulheres em Movimento**. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, p. 7-372, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. 550 p. (A era da informação : economia, sociedade e cultura ; v. 2).

CAVALCANTI, V. R. S. **Mulheres em ação: Revoluções, protagonismo e práxis dos séculos XIX e XX**. Projeto História (PUCSP), São Paulo, v. 30, n.30, p. 243-264, 2005. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2265>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

COSTA, S. G.. **Movimentos Feministas**. In COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (Org.). Dicionário crítico de gênero. 2. ed. Dourados, MS: UFGD, 2019. p. 522-527.

CUNHA, J. dos S.. **A representação feminina em Mulher Pantera e Mulher Maravilha**. 2016. 151p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2016. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/570/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Jaque_line_dos_Santos_Cunha.pdf>. Acesso em: 17 set. 2020.

FARRELL, A. E.. **A Ms. magazine e a promessa do feminismo popular**. São Paulo: Barracuda, 2004.

FRIEDAN, B.. **Mística feminina** – Tradução de Áurea B. Weissemberg. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

GREGORI, J. de. **Feminismos e Resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos**. Caderno Espaço Feminino (UFU), p. 47-68, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/38949>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

HAUCH, E.. **Mulher Maravilha: uma jornada por suas re(a)presentações**. 95 p. Monografia (Graduação em Letras – Português), Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/182676>>. Acesso em: 22. Jan. 2020.

HERNANDEZ, A. R. C.; TRIANA, S. V. **Pós-Feminismo**. In: COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (Org.). Dicionário crítico de gênero. 2. ed. Dourados, MS: UFGD, 2019. p. 614-617.

LEAR, M. W. **The second feminist wave**. The New York Times Magazine, 10 March 1968.

LIMA, Sávio Queiroz. **Mulher Maravilha e segunda onda do feminismo: transições da personagem dos quadrinhos durante a reforma feminista das décadas de 60 e 70.** In: Universo, n. 13, Niterói, 2016. Disponível em: <<http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1reta2&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=6789>>. Acesso em: 15 dez. 2020.

MAGALDI, C. A.; MACHADO, C. S. **Os testes que tratam da representatividade de gênero no cinema e na literatura: uma proposta didática para pensar o feminino nas narrativas.** Textura, v. 18, p. 250-264, 2016.

MALTEZ, J. **Capitã Marvel: conheça a história e os poderes da super-heroína.** In: Aficionados, 2019. Disponível em: <<https://www.aficionados.com.br/capita-marvel/>>. Acesso em: 2 jul. 2019.

MARTINS, A. P. A. **O Sujeito nas ondas do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade.** Revista Café com Sociologia, v. 4, p. 231-245, 2015. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/443/pdf_1>. Acesso em: 23 abr. 2020.

MUÑOZ, G. S. **Mujeres Árabes.** In COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (Org.). Dicionário crítico de gênero. 2. ed. Dourados, MS: UFGD, 2019. p. 527-532.

NASCIMENTO, J. B. do; ZANVETTOR, K. **A perda de poderes da Mulher Maravilha nos anos de 1960 como consequência de manifestações feministas nos Estados Unidos.** In: Intercom, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-1413-1.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

PEDRO, J. M. **Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea.** Topoi - Revista de História, v. 12, p. 270-283, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/topoi/a/yy9vP5JS9VSb9MCMrxCWZBG/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 5 jan. 2021.

PINTO, C. R. J. **Feminismo, História e poder.** Revista de Sociologia e Política (UFPR. Impresso), v. 18, p. 15-23, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/GW9TMRsYgQNzxNjZNCsBf5r/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ROSSI FILHO, S.; ORIGUELA, M. A. ; SILVA, C. L. **A forma corporal dos**

super-heróis de histórias em quadrinhos e a educação para o lazer. Coleção Pesquisa em Educação Física, v. 14, p. 15-22, 2015. Disponível em: <<https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/5423/4485>>. Acesso em: 7 mar. 2021.

SANTOS, A. C. V. R. **Para “abrir” gênero: raça, corporeidade e sexualidade como tensões teóricas e políticas produtivas para o feminismo.** Caderno Espaço Feminino (UFU), v. 31, p. 07, 2018. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/41522>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

SOMMACAL, C. L.; TAGLIARI, P. D. A. **A cultura de estupro: o arcabouço da desigualdade, da tolerância à violência, da objetificação da mulher e da culpabilização da vítima.** REVISTA DA ESMESC, v. 24, p. 245-268, 2017.

TEDESCHI, L. A. **Representação.** In: COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (Org.). Dicionário crítico de gênero. 2. ed. Dourados, MS: UFGD, 2019. p. 639-643.

TONDOLO, A. **Sociedade brasileira e as questões de gênero: a atualidade de Simone de Beauvoir.** 72 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito), Ijuí: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí, 2017. Disponível em: <<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/4610/Aline%20Tondolo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

VIEIRA, M. **Corpo, identidade e poder nos quadrinhos de super-heróis: um estudo de representações.** In: II Seminário Interno PPGCOM - Uerj, 2008. *Contemporânea* - Edição especial. Rio de Janeiro: UERJ. v. 6. p. 207-221. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17255/%2012696>>. Acesso em: 2 fev. 2020.

VIEIRA, V. de F. **Comunicação e Feminismo: as possibilidades da era digital.** 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, USP, São Paulo. 2012. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-22052013-163040/publico/VERAVIEIRA.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2020.

WESCHENFELDER, G. V.; COLLING, A. **As Super - Heroínas como instrumento de gênero nas Histórias em Quadrinhos.** Diálogos (Maringá, Impresso), v. 15, p. 437-454, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/%20Dialogos/article/view/36207>>.

Acesso em: 26 fev. 2020.

_____. **Histórias em Quadrinhos de Super-Heroínas: Do movimento feminista às questões de gênero.** INTERthesis (Florianópolis), v. 8, p. 200-218, 2011. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2011v8n1p200/18432>>. Acesso em: 26. fev. 2020.

Recebido em Maio de 2023.

Aprovado em Junho de 2023.